



PUC Minas

CENÁRIOS PUC MINAS

Conjuntura**Internacional**

ano 5 • nº 04 • 01 a 08/03/08 • ISSN1809-6182

Resenhas

29/02/2008 – George W. Bush visita continente africanop.01

Entre os dias 16 e 21 de fevereiro de 2008, o presidente estadunidense George W. Bush visitou 5 países africanos num roteiro, em que a democracia, o desenvolvimento e a busca pela solução de alguns conflitos são as diretrizes das visitas.

05/03/2008 – A Rússia escolhe seu novo presidentep.04

Dmitry Medvedev foi eleito na segunda-feira, dia 2 de março de 2008, o novo presidente da Rússia. Ele será o terceiro presidente eleito após o fim da União Soviética e mesmo após sua vitória nas eleições suas propostas de governo ainda são desconhecidas.

05/03/2008 – Banco Central anuncia novo status da dívida externa brasileirap.06

O Banco Central do Brasil anunciou, em 21 de fevereiro de 2008, que o país agora tem uma posição inédita: a de credor internacional.

George W. Bush visita continente africano

Resenha
Segurança

Joana Laura Marinho Nogueira
29 de fevereiro de 2008

Entre os dias 16 e 21 de fevereiro de 2008, o presidente estadunidense George W. Bush visitou cinco países africanos num roteiro em que a democracia, o desenvolvimento e a busca pela solução de alguns conflitos são as diretrizes das visitas.

Entre os dias 16 e 21 de fevereiro de 2008, o presidente estadunidense, George W. Bush, esteve em cinco países africanos, a saber: Benim, Tanzânia, Ruanda, Gana e Libéria. Esta foi a segunda visita do Presidente ao continente africano desde o início do seu primeiro mandato, em 2001. A primeira viagem foi realizada em 2003, quando foram visitados outros cinco países: Senegal, África do Sul, Botsuanda, Uganda e Nigéria.

A visita tem como propósito, além de impulsionar o desenvolvimento econômico da região, anunciar investimentos, mostrar o interesse estadunidense no combate à AIDS e outras doenças, diminuir a pobreza, bem como a busca pela democratização dos países africanos.

Os países escolhidos contam com apoio estadunidense em diversos setores, especialmente educação, saúde e cooperação militar. Outros pontos tratados na visita dizem respeito à violência no Quênia¹ e no Sudão² e ainda

há incertezas quanto ao futuro destes Estados.

A viagem foi iniciada por Benim³, onde o presidente Bush e a Primeira Dama, Laura, desembarcaram em Cotonou (capital do país). Porém, ali passaram poucas horas, já que a reunião com o presidente Thomas Bony Yayi realizou-se ainda no aeroporto. Logo após este encontro, seguiram para Tanzânia⁴, segunda etapa da viagem.

A comitiva estadunidense desembarcou em Dar es Salam, capital da Tanzânia, no dia 17 de fevereiro. A recepção ficou por conta do Presidente Jakaya Kikwete. No ensejo, Bush anunciou a doação de 700 milhões de dólares para o país, a serem investidos em projetos que buscam alcançar o cumprimento das Metas do Milênio⁵. Realizou, ainda, uma visita a um hospital e elogiou o programa do país de combate à malária e à AIDS.

Seguindo seu roteiro, Bush desembarcou em Ruanda⁶. Sua passagem pelo país

¹ Desde 27 de dezembro de 2007, após controvertidas eleições no Quênia, instaurou-se uma crise política no país, quando governo e oposição brigaram pelo poder devido às denúncias de fraudes nas eleições.

² Conflito armado andamento desde 2003, o foco da disputa fica a oeste do país na cidade de Darfur, região na qual dois grupos rivais disputam o poder. Mesmo com propostas de paz e envio de tropas da ONU para a região ainda persistem os conflitos.

³ Pequeno país de colonização francesa, localizado na costa atlântica africana, no Golfo da Guiné, e que faz fronteira com Níger, Nigéria e Togo.

⁴ País da África Oriental, ex-colônia alemã e faz fronteira, entre outros, com: Quênia, Uganda e Moçambique.

⁵ São um conjunto de oito ações definidas pela ONU a serem atingidas pelos países até 2015, para que possamos melhorar a vida no futuro.

⁶ Ruanda é um pequeno país montanhoso localizado entre o Uganda, a Tanzânia, o Burundi, a República Democrática do Congo,

coincidiu com a renúncia de Fidel Castro da presidência cubana, o que desviou um pouco o foco da imprensa para as consequências desta nova configuração política de Cuba [ver também: [Fidel Castro renuncia](#)].

No entanto, o presidente estadunidense aproveitou sua passagem pelo país para visitar um Museu dedicado às vítimas do “Genocídio de Ruanda”⁷, de 1994. Aproveitando-se do fato, Bush lembrou da situação no Sudão, país que vem sofrendo com uma disputa na região de Darfur [ver também: [O conflito em Darfur e as novas implicações políticas](#)], que já matou cerca de 400 mil pessoas. Hoje em dia, essa situação já é considerada um genocídio não apenas pelo presidente Bush, mas também por órgãos internacionais, como a Organização das Nações Unidas.

Bush justificou o não envio de tropas estadunidenses à região, afirmando confiar na força internacional que ali se encontra desde 2006. Ao mesmo tempo, o governo de Ruanda anunciou o envio de tropas a Darfur, treinados pelos EUA, sendo gastos cerca de 12 milhões de dólares nesta ação.

O Presidente seguiu então para Gana⁸, quarto país do seu roteiro de viagem. Em Acra, capital ganense, George W. Bush afirmou não ter pretensões de instalar bases militares em países africanos, sendo proposta dos EUA apenas dar assistência

cuja capital é Kigali, que fora colônia alemã transferida à Bélgica após a Primeira Guerra, tornando-se independente em 1960.

⁷ Em 6 de abril de 1994, Cyprien Ntaryamira, presidente do Burundi na época, foi assassinado quando seu avião aterrisava em Kigali. Nos meses subsequentes, militares e milicianos mataram cerca de 800 mil pessoas entre tutsis e hutus (etnias rivais), ficando conhecido como “Genocídio de Ruanda”.

⁸ Localizado na África Ocidental, limita-se com Burkina Faso, com o Togo, com o Golfo da Guiné e com a Costa do Marfim. Foi colônia portuguesa, porém dividida entre ingleses, holandeses e alemães devido aos seus recursos minerais, tornou-se independente em 1957.

aos líderes da África “para que sejam mais capazes de fazer frente a seus conflitos”, conforme declarou.

Apenas a Libéria⁹ ofereceu-se para sediar o Comando Africano do Pentágono (Africom)¹⁰, que atualmente está sediado na Alemanha. Todavia, o comando do Pentágono afirmou que a Africom deve permanecer em território alemão.

Enquanto o presidente Bush seguia no seu *tour* pela África, a Secretária de Estado Condoleezza Rice desembarcou no Quênia. Mesmo fora do roteiro oficial do Presidente, o Quênia é peça importante nesta visita estadunidense ao continente.

Esse país vem desde de o final de 2007 sofrendo uma crise política, devido às disputas entre dois grupos no país pela presidência. O presidente Mwai Kibaki e o líder da oposição, Raila Odinga, disputam o poder no país em meio a denúncias de fraudes no pleito de dezembro de 2007.

O conflito tomou proporções de guerra civil, tendo resultado em mais de 800 mortes desde seu início, no final de dezembro de 2007. As disputas tomaram caráter étnico e alguns observadores internacionais chegam a cogitar o termo limpeza étnica. O ex-Secretário Geral da Organização das Nações Unidas, Kofi Annan, está no Quênia para mediar o conflito, e foi com ele o primeiro encontro de Condoleezza Rice no país.

Os EUA apóiam a formação de um governo de coalizão para pôr fim à crise. Porém, antes, é necessário conter a onda de violência que destrói o país. Os EUA já se comprometeram em financiar a reconstrução da infra-estrutura,

⁹ Localizada na África Ocidental, cuja capital é Monróvia, a Libéria faz fronteira com Serra Leoa, Guiné, Costa do Marfim sendo banhado pelo Oceano Atlântico. O país foi fundado por escravos libertos dos Estados Unidos da América, no século XIX.

¹⁰ Gabinete militar ligado ao Pentágono, parte da estrutura em que fazem parte cinco outros comandos, responsáveis pela coordenação das ações nas diversas regiões do planeta.

permitindo que os mais de 400 mil deslocados internos¹¹ possam voltar a suas casas e retomarem suas vidas.

Após meses de combates e negociações, Kofi Annan anunciou, em 28 de fevereiro de 2008, a formação de um governo de coalizão no país. Raila Odinga, líder da oposição e pertencente ao Movimento Democrático Laranja (ODM, sigla em inglês), partido que tem maioria no Parlamento, deve, provavelmente, assumir o recém-criado cargo de primeiro-ministro. Após isso, cada partido poderá nomear um vice-primeiro-ministro e os outros ministros deverão ser indicados de modo a refletir a presença dos partidos na Assembléia Nacional.

Um ponto de convergência entre as partes em conflito se dá quanto ao fim dos embates, os líderes concordam com um plano para acabar com a violência. O acordo prevê quatro pontos principais, a saber: fim da violência, crise humanitária, crise política, justiça social com uma reforma agrária.

O presidente Bush saiu satisfeito com seus avanços no que provavelmente deva ser sua última viagem ao continente africano. Promoveu o aumento dos investimentos regionais, consolidando parcerias estratégicas com os países da região. Propiciou a obtenção do acordo para a crise no Quênia, oferecendo ajuda para reconstrução do país ao novo governo. Incentivou os países próximos ao Sudão a enviarem tropas de *peacekeeping*¹² para a região, prometendo apoio financeiro aos países, no sentido de que a situação possa em breve ser solucionada.

Conseguiu desviar, de certa forma, o foco da opinião pública americana à Guerra do Iraque. Só não conseguiu ser o foco da audiência, uma vez que a disputa entre os democratas Hillary Clinton e Barack

Obama na pré-candidatura à presidência nas próximas eleições nos EUA, vem tomando cada dia mais espaço na mídia [ver também: [Prévias eleitorais estadunidenses](#)]. Dificultando, por conseguinte, que o pré-candidato Republicano ao pleito, John McCain, possa se beneficiar das ações políticas do atual presidente, especialmente, as que dizem respeito à política externa, tema sempre pungente nas disputas eleitorais estadunidenses.

Referência

Sites:

Washington Post

<http://www.washingtonpost.com/>

New York Times

<http://www.nytimes.com>

BBC

<http://www.bbc.co.uk>

Folha on line

www.folhaonline.com.br

Ver Também:

15-07-2004: [Darfur e o conflito no Sudão.](#)

20-09-2004: [Sudão chama a atenção do sistema ONU.](#)

17-05-2006: [O conflito em Darfur e as novas implicações políticas.](#)

26-06-2006: [A crise em Darfur estende-se ao Chade.](#)

10-09-2006: [Sudão rejeita ajuda de forças de paz da ONU.](#)

17-11-2006: [Sudão: geração de violência interna e externa diante da transição do mandato da UA pelo da ONU.](#)

26-02-2008: [Prévias eleitorais estadunidenses.](#)

03-03-2008: [Fidel Castro renuncia.](#)

¹¹ Vide Glossário.

¹² Ações e projetos que têm por objeto proporcionar estruturas e mecanismos para que os países possam criar condições de manterem a paz.

A Rússia escolhe seu novo presidente

Resenha
Segurança

Anna Cláudia de Santana Menezes

5 de março de 2008

Dmitry Medvedev foi eleito na segunda-feira, dia 2 de março de 2008, o novo presidente da Rússia. Ele será o terceiro presidente eleito após o fim da União Soviética e mesmo após sua vitória nas eleições suas propostas de governo ainda são desconhecidas.

O resultado da eleição presidencial russa de 2 de março de 2008 tomou um caráter de continuidade com a eleição de Dmitry Medvedev como novo presidente do país. Aliado de Vladimir Putin, atual presidente, Medvedev foi eleito com mais de 70% dos votos, em um pleito que contou com 70% de comparecimento civil.

A Presidência da República é o cargo político mais importante da Rússia. O presidente é o responsável pela definição das políticas internas e externas do país; é o Comandante-em-chefe das Forças Armadas, além poder vetar as decisões do Parlamento (Duma). É o presidente quem escolhe o primeiro-ministro e os governadores regionais. Seu mandato é de quatro anos, e a sua nomeação ocorre se possuir no mínimo 50% dos votos.

Medvedev se tornou candidato de Putin quando foi designado vice-Primeiro-Ministro em novembro de 2005, recebendo a tarefa de solucionar assuntos chaves na agenda governamental, como sistema de saúde, educação, agricultura e habitação. Sua aliança com o presidente do Kremlin¹ começou, no entanto, em 1999, quando Putin o nomeou vice-chefe do gabinete, e anos depois foi apontado como presidente da Gazprom, companhia de energia estatal.

Além dele, concorriam ao cargo Gennady A. Zyuganov, do Partido Comunista da Rússia; Vladimir V. Zhirinovsky, líder do Partido Liberal Democrático e Andrei V. Bogdanov, do Partido Democrático. Um candidato só é permitido concorrer se for indicado por um partido com representação na Duma ou se tiver conseguido a assinatura de 2 milhões de eleitores.

Gennady Zyuganov é líder do Partido Comunista da Rússia desde de 1993, crítico das reformas econômicas feitas após a queda da União Soviética. Na sua campanha defendeu salários e pensões mais altas, e imóveis de preço mais acessíveis a pessoas de baixa renda e nacionalização dos recursos naturais do país. Ele recebeu 18% dos votos no pleito de segunda-feira.

Vladimir Zhirinovsky, que teve 10% de votos, está na política russa desde 1990, e ao longo desses anos defendeu uma política anti-Occidente, nacionalista, que se basearia em três pilares – habitação, boas estradas e comida. Sua plataforma política nesta eleição foi a construção de uma força militar russa.

Andrei Bogdanov não é um político reconhecido como Zyuganov e Zhirinovsky. Na direção do Partido Democrático da Rússia, o qual ele caracteriza como conservador liberal, foi o único candidato a conseguir concorrer por ter arrecadado 2 milhões de

¹ Kremlin é onde se localiza a sede do governo da Rússia.

assinatura. Sua principal proposta é fazer com que a Rússia seja um membro da União Européia. Bogdanov conseguiu apenas 1,5% dos votos na eleição.

Nenhum destes candidatos teve a oportunidade de fazer debates eleitorais com Medvedev, porque este se manteve afastado de comícios e discursos durante a sua campanha. Além disso, Zyuganov, Zhirinovsky e Bogdanov, por não serem candidatos apoiados pelo Kremlin, receberam uma cobertura menor durante a campanha e foram impedidos de fazer qualquer oposição à Medvedev.

Observadores internacionais da Assembléia Parlamentar do Conselho da Europa (PACE, sigla em inglês) que se encontravam no país para o pleito caracterizaram a eleição como fraudulenta e cheia de irregularidades. Em muitos locais de votação, foram oferecidos incentivos aos eleitores, que iam desde comida à ingressos no cinema. "O acesso igualitário dos candidatos à mídia e a esfera pública em geral não melhorou, colocando em questão o quão justas foram as eleições", disse Andreas Gross, chefe da PACE.

A promoção de Medvedev por Putin praticamente garantiu sua vitória na votação. A maioria da população russa vê Putin como um bom presidente, responsável por manter a economia com uma inflação moderada e sem recessões, provendo acesso à educação, e se crê que por extensão Medvedev pode dar prosseguimento ao crescimento do país. O candidato governista confirmou isto ao pronunciar que "as minhas políticas serão uma continuação direta da trilha seguida por Vladimir Putin."

A eleição de Medvedev é o ponto crucial na continuidade da influência de Putin sob o governo, os negócios e a mídia do país desde que tomou posse há oito anos. Isso porque Medvedev, antes mesmo do resultado do pleito, já havia convidado Putin para ser o primeiro-ministro de seu gabinete. A proposta foi aceita pelo

presidente, que afirmou que não será um Primeiro-Ministro de transição e sugeriu uma expansão nas funções do cargo. Para tanto, transferiu o gabinete do Primeiro-Ministro para o Kremlin, a fim de estar mais próximo de Medvedev e auxiliá-lo em suas decisões.

Pouco se sabe sobre como o novo presidente conduzirá seu governo. Durante sua campanha, Medvedev pouco se pronunciou, realizando alguns discursos e cedendo apenas uma entrevista. Nas vezes em que apresentou suas propostas, Medvedev se mostrou como um reformista e disse que se comprometeria a acabar com a corrupção que, segundo ele, é "endêmica" na Rússia.

Declarou, em um dos poucos discursos da campanha, que o país tem diante de si "a oportunidade de prosseguir o desenvolvimento dos últimos anos, fortalecer a estabilidade, elevar a qualidade de vida e avançar". Acredita-se que, devido à aliança com Putin, Medvedev não conduzirá grandes mudanças na condução das ações do governo, mantendo assim os aliados e as posições do Kremlin.

Referência

Sites:

BBC

<http://www.bbcnews.co>

President of Russia

<http://www.kremlin.ru/>

The New York Times

<http://www.thenytimes.com>

Banco Central anuncia novo *status* da dívida externa brasileira

Resenha
Economia & Comércio
Celeste Cristina Machado Badaró
05 de março de 2008

O Banco Central do Brasil anunciou, em 21 de fevereiro de 2008, que o país agora tem uma posição inédita: a de credor internacional.

O Banco Central do Brasil (Bacen) anunciou, no dia 21 de fevereiro de 2008, que, na primeira vez na história do país, os ativos externos¹ são maiores do que sua dívida. Em outras palavras, o Brasil passou a ser um credor externo.

O total de reservas² e outros ativos (títulos de dívida de outros governos) que o Brasil possui é maior do que o valor da dívida externa do governo. O novo *status* adquirido pela economia brasileira é resultado de um contínuo aumento das reservas internacionais, por um lado, e amortização da dívida, por outro.

As reservas internacionais brasileiras elevaram-se consideravelmente nos últimos anos, passando de US\$ 16 bilhões em 2002 para US\$180 bilhões ao final de 2007. Esse aumento foi possível graças ao incremento das exportações no período e à valorização da moeda brasileira ocorrida em consequência disso, que permitiu que

fosse “mais barato” para o Bacen aumentar suas reservas.

A dívida externa pública diminuiu, mas numa magnitude menor do que o aumento das reservas, sendo, no final de 2007, 40% menor do que esteve no seu maior patamar, em 2003. A diminuição da dívida externa pública ocorreu, segundo o Bacen, devido a uma política de redução do passivo³ externo promovida pelo atual governo. Em 2005, o país liquidou sua dívida com o Fundo Monetário Internacional (FMI), e também tem comprado de volta os títulos de dívida emitidos pelo governo.

Outra melhoria na condição externa do Brasil foi a mudança do perfil da dívida. Antes, a dívida externa do país era composta principalmente por títulos de curto prazo, que aliviavam apenas temporariamente as contas do país. Nos últimos anos, ocorreu um “alongamento” da dívida externa composta principalmente por títulos de longo prazo, que podem ser negociados a condições mais favoráveis para o país.

Com a melhoria de seu *status* no mercado financeiro internacional, o Brasil pode se tornar mais atraente a investidores estrangeiros. Um dos principais

¹ Ativos externo são os bens e direitos que o país possui. Inclui as reservas estrangeiras, o investimento feito por empresas do país no exterior, as dívidas que o resto do mundo tem com os residentes do país etc.

² As reservas de um país constituem o estoque de moeda estrangeira (moedas de maior estabilidade e circulação internacional, principalmente o dólar, e, em menor medida, euro, libra e iene) e, em menor parte, ouro monetário, em poder do Banco Central do país.

³ Passivo externo são as obrigações devidas, como a dívida externa pública e privada, a moeda nacional em mãos de estrangeiros etc.

determinantes para os investidores internacionais é o risco de que o título não seja pago pelo seu emissor na data de vencimento. Até pouco tempo, o Brasil era considerado um local de alto risco para os investimentos, por ser uma economia emergente e por ter tido, nas últimas três décadas, um período muito longo de instabilidade, com altas taxas de inflação e até uma moratória⁴ da dívida externa, na década de 1980.

O risco que os investimentos oferecem são medidos por agências de *rating*, que classificam as economias de acordo com o risco que seus títulos oferecem. Um dos mais famosos é o risco país, que atingiu seu patamar mais alto durante a eleição do atual presidente Luís Inácio Lula da Silva, que, antes de assumir o cargo, já havia dito inúmeras vezes que não pagaria a dívida brasileira caso se tornasse presidente.

No entanto, após assumir, Lula manteve a política de austeridade econômica de seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso, buscando a geração de superávit primário⁵. Com isso, conseguiu conquistar a confiança dos agentes financeiros no Brasil, fazendo com que o risco país caísse.

Além disso, o aumento das exportações, ocorrido desde o início dos anos 2000, a consequente valorização do real, a compra de reservas feitas pelo Banco Central desde 2007 e o crescimento econômico registrado no Brasil nos últimos anos fizeram com que o país melhorasse ainda mais sua classificação de risco.

Em 2007, o país alcançou o grau de classificação logo abaixo do grau de investimento⁶. Os países com grau de investimento são considerados os de menor risco. Com o novo anúncio do Bacen, é provável que o Brasil alcance essa classificação, o que aumentaria a entrada de recursos estrangeiros na economia, estimulando o crescimento econômico.

No entanto, cabe lembrar que a situação do Brasil, apesar de favorável, ainda não é a ideal. Uma das principais formas de entrada de recursos no país se dá pela conta financeira, que inclui investimentos diretos e empréstimos. Essas entradas de capital um dia retornarão ao país de origem, na forma de juros e lucros. Como essas remessas são maiores em períodos de recessão da economia global, o Brasil pode ficar numa situação menos favorável caso a crise por que passa os Estados Unidos se torne uma recessão mais profunda [ver também: [A crise imobiliária estadunidense e seus reflexos](#)].

Além disso, os superávits comerciais vêm caindo, uma vez que, apesar de as exportações estarem crescendo, as importações estão aumentando numa taxa ainda maior, devido à valorização do real.

Outro motivo para se conter nas comemorações é que, apesar de a dívida pública externa estar sob controle, a dívida interna do governo ainda é alta. Desse modo, não há motivos para o governo não manter o controle fiscal que vem exercendo.

Assim, o atual *status* do Brasil é de fato uma conquista, mas o país ainda é muito vulnerável a flutuações na economia mundial, logo, a melhora no setor externo pode ser resultado do ciclo de crescimento pelo qual passa a economia mundial. Só

⁴ Moratória é quando o devedor assume que não irá pagar seus débitos. Durante a década de 1980, o Brasil decretou o que foi chamado de “moratória técnica”: o governo tinha intenção de quitar seus débitos, mas não tinha recursos (na forma de reservas internacionais) suficiente para fazê-lo.

⁵ Superávit primário corresponde às receitas correntes do governo menos as despesas correntes, descontado o pagamento de juros da dívida externa. Ou seja, ele mede quanto dinheiro o governo tem para pagar os serviços da dívida.

⁶ As agências de *rating* classificam os países de acordo com o risco de que seus títulos de dívida não sejam pagos. Um país com grau de investimento, considerada a mais alta classificação, é aquele de menor risco de não-pagamento.

será possível saber se os esforços de compras de reservas e promoção comercial foram válidos se o Brasil conseguir manter sua boa posição externa mesmo num período de recessão generalizada.

Referência

Sites:

Banco Central do Brasil

<http://www.bcb.gov.br>

BBC News

<http://www.bbc.co.uk/portuguese>

Folha Online

<http://www.folha.uol.com.br>

L.A. Times

<http://www.latimes.com>

Conjuntura Internacional

Pontifícia Universidade Católica - MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Vice-reitora: Prof^a. Patrícia Bernardes

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação-Geral: Prof^a. Liana Araújo Lopes

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine; Profa. Liana Araújo Lopes; Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Membros: Anna Cláudia Menezes, Ana Caroline Maia, Celeste Cristina Badaró; Diego Paes; Joana Laura Nogueira; Marina Robspierre.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Itaú, 525, 2º subsolo, Prédio Redentoristas – Dom Bosco - Belo Horizonte - MG - CEP 30850-035 Tel: (31)3319-4426 email: ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>

